



PORTUGUÉS II

OPCIÓN A

Foi na pequena vila de St. Andrews, na Escócia, que encontrámos Miguel Barbosa. Este biólogo de Lisboa, com uma carreira internacional, levou-nos a conhecer a vila, apontando pacientemente os locais mais apetecíveis (que são muitos, desde as ruínas da catedral à extensa praia que rodeia a cidade, passando pelos edifícios vitorianos da universidade). O cientista, de 36 anos, já leva quatro de vida escocesa, mas com algumas interrupções. O seu percurso profissional envolve muitas viagens de avião: após ter terminado o curso na Faculdade de Ciências de Lisboa em 2009, e de uma experiência profissional na reserva marítima da Arrábida, rumou à Australia, onde viveu de 2011 a 2014, onde estudou na James Cook University, «a melhor universidade do mundo para o estudo dos corais». A experiência que partilhou com a mulher, Maria Dornelas, portuguesa especialista em biodiversidade, foi fantástica. Em 2015 mudou-se para a Escócia para continuar os seus estudos, e aí ficou até 2016, altura em que voltou a partir para a Austrália. «Em 2018 voltei para St. Andrews, para acabar os estudos, e cá estou». E, por agora, é onde ficará.

Neste momento, Miguel Barbosa é investigador-visitante na Universidade de St. Andrews. Há um outro motivo para não planear o regresso a Portugal para os próximos tempos. Miguel e Maria têm agora dois filhos já habituados à escola e aos amigos escoceses. A aventura de criar filhos além-mar nem sempre foi fácil. O filho mais velho deles, Martim, agora com quatro anos, nasceu na Escócia, viajou também para a Austrália e passou nove meses em Portugal, onde a família viveu temporariamente antes da última mudança para Escócia. Ao chegar a Portugal e começar a frequentar o jardim infantil, Martim, que estava habituado a ouvir português em casa mas respondia em inglês, enfrentou algumas dificuldades por não conseguir comunicar com as outras crianças. Esta história de diversidade linguística faz Miguel sorrir.

Perguntas:

1. Porque é que o Miguel viaja por tantos países? (2 puntos)
2. Acha que o Miguel está satisfeito com a sua vida em Escócia? (2 puntos)
3. Qual a dificuldade que o filho de Miguel, o Martim, teve de enfrentar enquanto viveu em Portugal? (2 puntos)
4. Quando acabar os seus estudos, tenciona ficar em Espanha ou seguir o exemplo do Miguel e rumar para um outro país? Redacte un texto subordinado al tema propuesto con una extensión máxima de entre 100 a 120 palabras. (4 puntos)



OPCIÓN B

Quando vulgarmente se fala em medo está-se a referir angústia ou fobia. O medo é uma reação natural, fisiológica ao perigo. É o medo, a reação ao stress, desencadeada que nos permite sobreviver, tal como nos outros animais. E, em função do perigo, fugir ou atacar. Sem medo não há vida, nem há vida sem medo. Outra coisa é a angústia que alguém pode ter em face de uma situação de perigo relativo ou sem perigo que provocou grande perturbação física e psíquica, com enorme sofrimento. As fobias são situações de medo permanente com desencadeamento de angústia face a situações, objetos ou animais determinados.

Dito isto, quais os meus medos, ou seja, as minhas fobias e angústias? Sobretudo, o maior, o mais terrível – andar de avião. Desde a aproximação ao aeroporto, até às escadas, ao meter-me dentro, à subida, ao estar no ar, é tudo horrível e entro em angústia permanente! Nada disso tem a ver com qualquer espécie de racionalidade e o discurso racional irrita-me tanto como deveria irritar as pessoas com fobia de ratos quando lhes explicam que «o animalzinho é pequenino, não faz mal a ninguém». O melhor momento para mim é quando o avião vai aterrizar – está a acabar-se a tortura. E parece que é o mais perigoso.

Em compensação, satisfaz-me muito não ter medo da autoridade, do poder em geral. Quanto às hierarquias respeito-as, se forem respeitáveis. Não tenho medo de fardas, mesmo quando são habitadas por aquela perigosa e conhecida irracionalidade, que afinal é produto do medo... deles. E custa-me ver que muitos que muitos dos meus têm um medo irracional e cego da autoridade, qualquer coisa de muito profundo. Isto também pode ser uma característica cultural portuguesa e tem que ser sacudida, para que de facto as pessoas se sintam livres.

Preguntas:

1. Quais são os diferentes tipos de medos que o narrador identifica no texto? (2 puntos)
2. Qual é o principal medo que o narrador tem? (2 puntos)
3. Qual é o medo que o narrador afirma não ter? (2 puntos)
4. Sente-se identificado com o exposto no texto? Pode descrever algum tipo de medo ou alguma situação em que sentiu medo? Redacte un texto subordinado al tema propuesto con una extensión máxima de entre 100 a 120 palabras. (4 puntos)